

Pedra de anil

*Mariângela Alonso**

Doutora em Estudos Literários pela UNESP. Possui dois pós-doutorados pela USP. Atualmente é pesquisadora do Grupo de Pesquisa Investigación Retórica, Literatura Y Cultura da Universidad de Lima, (Instituto de Investigación Científica).



<https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

Recebido em 17 dez. 2025. **Aprovado** em: 15 ago. 2026.

Como citar este artigo:

ALONSO, Mariângela. Pedra de anil. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, e-7286, set. 2026.

DOI: 10.5281/zenodo.22700253.

*“Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!”
(Cecília Meireles, Ou isto ou aquilo)*

Animada, a família entrava de mala e cuia no vagão do trem. Pai, mãe e filhos. Todos ouriçados para o fim de semana que se aproximava. Era sempre uma aventura passar uns dias em Guarany, na casa da tia Tereza.

Já com os apetrechos de caça nas sacolas, o pai, guarda-trem aposentado, olhava para fora satisfeito, possivelmente antevendo o cenário do fim de semana, em que armaria tocaias no rastro das pacas. Sorrindo, recordava a fala do primo, apertando as mãos e os passos: “Hoje está bom para a paca, hein!”. Foi quando tirou a sanfona da mala e começou a tocar devagarinho. De início, os variados e os vibrantes saíam tímidos pelo fole, e, gradualmente iam ganhando força nas palhetas de aço do instrumento. A festa na roça começava ali mesmo no vagão. Os demais passageiros observavam. Cúmplices no sorriso discreto, pareciam demonstrar que estavam resignados, porém, felizes. A viagem se iniciava.

* profamary1920@gmail.com

A mãe, ansiosa com a filha mais nova nos braços, saberia aproveitar aqueles dias em que recordar era viver os tempos frenéticos de sua infância, quando corria pelas matas e arvoredos do Guarany. Tempos em que ela colhia milho de grilo e marolo suavemente doces, presentes raros da natureza. Depois, vieram a escola e os bailes regados a modas de viola, frequentados com as amigas da colônia, Dita e Ofélia. Os festejos duraram até o dia de seu casamento, aos dezenove anos de idade, quando então passou a morar na cidade. Todas essas lembranças eram entrecortadas pelos pedidos e sacudidelas das crianças: “Mãe, me dá o biscoito!”, pedia o mais velho enquanto ensaiava com os gestos um cascudo bem dado na cabeça da irmã. “Cadê a minha chupeta? Eu quero a chupeta”, pedia Anabela, a mais nova, enquanto mexia na barra da saia da mãe. “E o meu boné?”, “Me dá outro biscoito?”, etc, etc,etc.

E, assim, o trem ia abandonando a cidade. As casas desiguais e coloridas iluminavam-se enquanto ele rapidamente as visitava. Tudo estava em movimento. Os dois lados da janela.

Após duas horas já era possível avistar a estrada de terra. Lá estava o horto florestal Guarany, um vilarejo no meio de muitos eucaliptos. O Guarany era um dos dezenove hortos reflorestados e localizados em diferentes municípios do estado de São Paulo mantidos pela Ferrovia Paulista S/A. O local fazia divisa com rio Mogi-Guaçu, sendo rico na fauna e flora aquáticas.

Ao longe também se viam as silhuetas das vacas e o moinho de vento, que, grande e pomposo contribuía para a atmosfera serena. Os fortes ventos sinalizavam um lugar quase encantado, acima da terra e abaixo do sol.

O espaço era povoado por uma série de doze residências, todas cercadas e iguais em formatos e tamanhos, o que conferia simetria e aconchego, sempre rodeado por diferentes espécies de eucalipto. Dentre elas, a “citriodora” se destacava, lançando no ar um odor característico e difícil de ser esquecido. Arenoso e plaino, o solo sustentava as casas em tons terrosos como se o tempo as tivesse registrado em fotos já antigas. O tempo estava acelerado. Ou talvez suspenso?

A abertura da porteira apresentava um novo mundo para a família, repleto de galinhas calçadas que corriam de um lado para o outro, cacarejando suas canções. “Sejam bem-vindos”, pareciam dizer com a cantoria desajeitada.

A casa da tia Tereza era a de número seis, bem no meio da colônia. Elevada por um lance de escadas, de coloração terrosa como as outras, a residência possuía um pergolado de madeira

do lado direito, coberto de palha, onde ficava o fuscão preto da família. Próximo do teto havia a gaiola do pássaro-preto, alcançada pela escadinha de três degraus. Manhoso, ele sempre se arrepiava ao ser tocado pelos dedos dos visitantes, que se divertiam com seus estremecimentos. Porém, ao menor vacilo bicava o enxerido sem dó. “Passo-preto [sic] é traiçoeiro”, falava a tia, alertando.

Subindo à escada, chegava-se à entrada da casa, cujos batentes arredondados davam a sensação de se estar pisando em um conto de fadas. Com mobiliário simples, a sala de visitas apresentava-se aos visitantes com um pequeno oratório e uma porta que dava acesso ao corredor de circulação interna, a partir do qual se ganhava os quartos, com janelas de madeira e venezianas pequenas.

Voltada para o quintal repleto de galinhas, pintinhos e patos, ficava a cozinha. Cortinas azuis claras adornavam o ambiente, ao lado de utensílios pendurados nas paredes terrosas e já rachadas: frigideiras, bules e canecas de alumínio. O mobiliário consistia somente de uma grande mesa de madeira e cadeiras rústicas. A toalha quadriculada envolvia toda a louça de cerâmica e provavelmente indicava que era “dia de visita”. Na outra extremidade ficava o chiqueiro com o *mix* de odores que contrastavam com a fragrância dos eucaliptos. Opostos que se completavam.

“Fizeram boa viagem?”, perguntava a tia, toda faceira ao recebê-los. O tique nervoso de morder a parte interna das bochechas acentuava-se ao conferir as visitas. “Sim, tia, estávamos com saudades”, replicava rapidamente a mãe, com os olhos bem abertos, libertando a pequena Anabela dos seus braços.

“O café já está na mesa!”. Os sabores caseiros os aguardavam. Passado no coador de pano, o café perfumado exalava no bule grande, junto com o pão, a chimia e o melado. Café da roça.

A noite chegava com o jantar caprichado, com a comida cozida no fogão à lenha e única em sabor. Do porco ao feijão tropeiro, a família se deliciava. As crianças lambiam os beiços e por algum tempo se esqueciam das mútuas provocações e puxadas de cabelo. Depois, a sanfona dava o tom, com o pai no comando e os primos na cantoria melancólica do samba-canção de Francisco Alves: “Adeus, adeus, adeus/Cinco letras que choram/Num soluço de dor/Adeus, adeus, adeus/É como o fim de uma estrada/Cortando a encruzilhada/Ponto final de um romance de amor”... A vida era, de fato, atualizada, com a noite e o sono fechando ciclos.

Porém, tudo na vida é passível de choques e estremecimentos, até mesmo o cenário rural. E, assim, ao acordar, a pequena Anabela deparou-se com uma cena que a fez ficar extática: tia Tereza agachada no quintal, banhando as roupas brancas dos filhos numa bacia. O quadro seria prosaico se não houvesse um elemento fulcral, que coloria o recipiente em fachos de luz, uma pedra de anil.

Com mãos habilidosas, a tia pegava a pedra acetinada e a jogava no balde, dissolvendo-a em suaves movimentos. Era um ritual quase mágico, que parecia tingir não só as roupas, mas todo o céu do Guarany. Maravilhada, Anabela olhava a poção anilada em toda a sua força.

“Eu quero!”, pensou como se fosse por merecimento. Queria a pedra para ela. Se os outros tinham tantas coisas... Por que ela não poderia ter uma pedra de anil? “Vou pegar”, matutou ao aproximar-se sorrateiramente da bacia.

Desistiu da empreitada quando a tia se voltou para ela, interagindo com a sua curiosidade: “Não foi brincar, Anabela? Gostou do anil da tia, hein? É pedra de anil, meu bem! Vem com a tia até a despensa!”

No meio de tantas pedras de anil naquela despensa ela pegaria só uma. Um mundo repleto de pedras de anil. Que mal isso teria? Quem seria contra? E por quê? Mas do alto dos seus cinco anos ativou o “modo noção” e disfarçou o desespero. Conteve-se, entendendo que aquele não era o momento. Sorriu para a tia um sorriso amarelo. Saiu pulando em direção ao chiqueiro sem olhar para trás. “Não corre, Anabela, assim você cai!”.

Colheu flores, brincou no córrego com o irmão, pulou e correu atrás das galinhas. Subiu e desceu mais de vinte vezes a porteira do curral, sem sequer pensar no cuidado de sujar as próprias roupas, lambuzou-se com os doces na cozinha e então sossegou sentando-se na soleira da porta. A vida parou ou foi a lembrança da pedra de anil?

Apertando as perninhas, olhou para os lados e viu que se tratava do momento ideal. O pai caçando a paca, a mãe e a tia ocupadas com o jantar, o irmão e os primos de bicicletas, próximos do córrego. Era já. Era agora.

Foi quando resolveu ir até a despensa e cometer o “crime”. Ao entrar, ficou satisfeita por avistar a vítima tão rapidamente. Seus olhinhos brilhavam. Lá estava ela, a pedra de anil, no meio de tantas outras, pronta para ser sequestrada, reluzindo no alto do quinto andar da prateleira. No entanto, a escalada seria difícil... Ainda mais para quem tivesse um metro e doze de altura.

Começou a subir usando a perninha direita, mas logo escorregou com a falta de equilíbrio. O corpo tentou se equilibrar no ar por um segundo comprido demais. Não deu certo. A operação falhou e Anabela caiu.

Determinada, continuou a odisseia. Puxou a perninha esquerda e subiu. Contudo, o susto veio mais rápido e dessa vez o tombo foi pior. Já no chão, começou a ensaiar um breve choro, muito mais de indignação que de dor. Quando olhou novamente a pedra lá em cima, parou com a birra. Era melhor parar para ninguém ouvir.

Levantou-se e esticou os bracinhos, usando a lateral do armário como apoio. Subiu devagar, com a devida técnica de quem faz a verdadeira “arte”. Agora, sim. Já estava no quinto andar, bem próximo da pedra, com a prateleira tremelizando, como se reclamasse do peso inesperado.

Num impulso, pegou aquele talismã tão desejado e pulou para baixo, a volta era sempre mais rápida. Ao cair, segurou a pedra com tanta força que as mãozinhas ficaram tingidas de anil, prova suficiente de seu “delito”.

Por alguns segundos sentiu que estivera no mundo do alto, do impossível, das poções mágicas. Tinha cinco anos e a convicção de que as coisas importantes moravam no alto. Mas era preciso sair dali e se livrar da pedra.

Foi quando resolveu colocá-la na mala da mãe, misturada com as roupas, seria impossível desta perceber. A mala que não guardava apenas roupas, mas uma fascinante pedra de anil, um talismã que seria seu brinquedo na cidade.

“Por que a sua mão está azul?”, perguntou o irmão, todo curioso. “Não é nada!”, disse ela, dando-lhe as costas. “Sua tonta!”, replicou o irmão.

O fim de semana chegara ao fim e com ele a volta para a casa. Quando viu a mãe arrumando a mala, Anabela saiu de perto. O grito alcançou-a já na porta do quarto: “Quem pôs isso aqui?!”, inquiriu a mãe com o olhar fuzilante e a pedra de anil em uma das mãos.

“Foi o Etevaldo!”, disse rapidamente Anabela, toda segura de si. Sempre punha a culpa no irmão, sempre fazia isso quando seus álibis não eram suficientes. Era cômodo.

“Não fui eu, não. Foi ela. A mão dela estava azul!”, suplicava o irmão. Ao ver o menino ganhando sermões e tapas, sentiu-se mal e confessou. A mãe exausta e o irmão estapeado se entreolharam. Este último, como forma de se vingar mostrou-lhe a língua, seu talento especial.

Vencida, devolveu a pedra de anil para a tia Tereza, assim como devolveu o olhar desapontado para o armário. Do chão, a prateleira parecia grande demais para ela. “Desculpe, tia. Prometo não fazer mais, etc, etc”.

Dormiu no trem durante toda a viagem de volta. Quando avistou a cidade, já na charrete, Anabela se lembrou da pedra de anil e da tia Tereza. Não tinha tomado bênção da tia Tereza! Como isto foi acontecer? Aquele era um gesto frágil e necessário. Sim. As bênçãos. A pedra de anil e as bênçãos. Era tudo legítimo e de direito.

“Mãe, eu não tomei bênção da tia”. A mãe voltou-se resignada e respondeu que ficaria para uma próxima, pois já estavam quase chegando em casa. O mundo caiu e se descoloriu. Ela não se conformou.

Com a pouca capacidade de explanação que tinha, disse para a mãe que eles tinham de voltar ao Guarany para ela tomar bênção da tia Tereza! A mãe ignorou e em seguida, sorriu. O sorriso significava uma afronta. “Eu quero tomar bênção da tia!”.

Implacável, a mãe repetia que já estavam chegando. Impossível. Mas e as bênçãos? Elas a ajudavam a crescer, eram necessárias, talvez um gesto comovido e necessário. Ora bolas, as bênçãos!

Esperneou e gritou o bastante para demonstrar que aquilo não poderia jamais ter ocorrido: não tomara as bênçãos da tia! A mãe procurou contê-la, enquanto o pai e o charreteiro riam da situação. “Ela está muito agitada hoje”, dizia a mãe desconcertada, enquanto o irmão exibia a língua em sua direção.

Ao ver as risadas simultâneas, Anabela se enfureceu. Sem a pedra de anil e sem as bênçãos! O mundo era isso? Descontrole corporal e emocional. Desceu do colo da mãe e começou a rasgar todo o vestido. Azul e branco, o modelinho com vivinhos acetinados nas golas e laços começou rapidamente a ser despedaçado. “Anabela, minha filha! O que é isso?! Pare!”.

Mas ela não parava. Para completar, puxou os próprios cabelos, dismantelandos os laços azuis. E os sapatos de estilo boneca? Quebrou as fivelas no dente, com uma só mordida. Virava-se gritando, de um lado para o outro. A mãe ficara sem jeito. “Estaria possuída?” “O que deu nela?”

Como espectador de um camarote, o irmão dividia-se entre a “arte” de mostrar a língua e a concentração no pedaço de rapadura que devorava. Limitou-se a dizer, antes da próxima mordidela: “Pare, sua tonta! Chorona!”

Foi então que voou para cima do irmão, com chutes e gritos. Impedida pela mãe e novamente no colo, estava completamente frustrada por não ter seu pedido atendido, com a frequência cardíaca acelerada e os músculos contraídos. “Eu não tomei as bênçãos da tia!”...

A cada grito e a cada solavanco da charrete ela se lembrava da pedra de anil e da decepção de ter de devolvê-la. Pedra de anil ou bênçãos? Muito mais a pedra talismã. Rompante. Frustração. *Show*. Precisava dar aquele *show*. O *show* tinha sempre que continuar.

A charrete em solavancos. Os gritos ecoando em alto e bom som. A mãe deu-lhe a chupeta, que foi jogada para longe. Em seguida deu-lhe a boneca, mas ela a mordeu com toda a força e a arremessou ao infinito. Ao passarem em frente à pracinha, a mãe tentou desviar a atenção dela para a igreja: “Olha que linda a igreja, Anabela...”. Tudo em vão.

No banho o choro se intensificou. Ela chorava de verdade. No quarto, já mais calma, com a chupeta reserva, finalmente tinha sido vencida. *Game over*. Virou-se para o lado e reviu em *flashes* o seu dia. Sonharia com um mundo cheio de pedras de anil. Luminoso e anilado.